

A NOVILÍNGUA E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA VERDADE: CHAVE HERMENÊUTICA ORWELLIANA PARA O CONTEMPORÂNEO

NEWSPEAK AND THE SOCIAL CONSTRUCTION OF TRUTH: AN ORWELLIAN HERMENEUTIC KEY TO THE CONTEMPORARY WORLD

Thiago Barbosa Soares*
Universidade Federal do Tocantins

RESUMO

Este artigo, que se caracteriza como ensaio teórico, investiga a relação entre a novilíngua, conceito central da distopia 1984 de George Orwell, e a construção social da verdade na contemporaneidade, em contexto brasileiro. A partir do referencial teórico de Berger e Luckmann (2004) sobre a construção social da realidade, articulam-se os fenômenos da pós-verdade e da desinformação como mecanismos contemporâneos de manipulação da linguagem e do conhecimento. Dialogando com as reflexões de Soares (2025; 2026) sobre o declínio da leitura reflexiva e seus reflexos na sociedade brasileira, argumenta-se que a fragilização do pensamento crítico, decorrente da perda da experiência aprofundada de leitura, cria condições subjetivas favoráveis à proliferação da desinformação e à consequente manipulação da verdade. A análise da novilíngua orwelliana revela como o controle da linguagem constitui a matriz a partir da qual outras formas de dominação se tornam possíveis. Conclui-se que a distopia não requer necessariamente um Estado totalitário explícito, podendo instalar-se silenciosamente na degradação da linguagem, na fragmentação da verdade e na atrofia do pensamento crítico.

Palavras-chave: Novilíngua. George Orwell. Construção social da verdade. Pós-verdade. Leitura reflexiva.

ABSTRACT

This article, characterized as a theoretical essay, investigates the relationship between Newspeak, a central concept in George Orwell's dystopia 1984, and the social construction of truth in contemporary times within the Brazilian context. Based on the theoretical framework of Berger and Luckmann (2004) on the social construction of reality, it articulates the phenomena of post-truth and disinformation as contemporary mechanisms for manipulating language and knowledge. In dialogue with Soares' reflections (2025; 2026) on the decline of reflective reading and its impacts on Brazilian society, it argues that the weakening of critical thinking, resulting from the loss of in-depth reading experience, creates subjective conditions favorable to the proliferation of disinformation and the consequent manipulation of truth. The analysis of Orwellian Newspeak reveals how language control constitutes the matrix from which other forms of domination become possible. It concludes that dystopia does not necessarily require an explicit totalitarian State, as it can install itself silently through the degradation of language, the fragmentation of truth, and the atrophy of critical thinking.

* Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor adjunto no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Porto Nacional, Tocantins, Brasil. Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Email: thiago.soares@mail.uft.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>.

Keywords: Newspeak. George Orwell. Social construction of truth. Post-truth. Reflective reading.

1 INTRODUÇÃO

O presente manuscrito caracteriza-se como um ensaio teórico que tem por objetivo investigar a relação entre a novilíngua orwelliana e a construção social da verdade na contemporaneidade, com ênfase na realidade brasileira. A potência visionária da literatura distópica reside em sua capacidade de extrapolar tendências de seu tempo, forjando cenários que, décadas depois, se revelam não como profecias literais, mas como lentes analíticas de aguda precisão para dissecar o presente. Publicada em 1949, a obra 1984, do britânico George Orwell (2009), ultrapassou em muito o contexto da Guerra Fria para se consolidar como um dos mais influentes arcabouços interpretativos das dinâmicas de poder que moldam a subjetividade e a vida social na contemporaneidade. Se, no romance, o Partido exercia seu domínio onipresente por meio da vigilância do "Grande Irmão" e da manipulação brutal da história, no século XXI, essa engrenagem de controle encontra novos e sofisticados combustíveis: a capilaridade das tecnologias digitais e a erosão sistemática da esfera pública por regimes de desinformação. A obra orwelliana, assim, não deve ser lida como um manual do autoritarismo explícito, mas como um alerta sobre a fragilidade dos alicerces que sustentam as sociedades abertas, a saber, a linguagem como veículo do pensamento crítico e a própria possibilidade de uma verdade compartilhada.

O conceito central para essa reflexão é a "novilíngua" (ou "novafala"), o idioma oficial da distopia cujo propósito último era não apenas expressar, mas tornar impossível o pensamento herético, reduzindo o espectro cognitivo da população por meio do esvaziamento e da deturpação semântica. É nesse ponto que a ficção orwelliana encontra um de seus mais inquietantes paralelos com o tempo presente, particularmente quando analisamos fenômenos como a consolidação da pós-verdade e a instrumentalização política da informação. Se a realidade é socialmente construída, o que se observa na contemporaneidade é uma luta feroz pelo monopólio dessa construção, na qual a linguagem se torna a trincheira principal. A verdade, nesse embate, deixa de ser um reflexo de fatos objetivos para se transmutar em uma variável dependente do poder, um artefato maleável a serviço de narrativas específicas, ecoando o lema do sinistro Ministério da Verdade: "Quem controla o passado, controla o futuro: quem controla o presente, controla o passado".

É na análise desse complexo cenário que os trabalhos de Soares mostram-se

fundamentais. Em seu artigo de opinião "A atualidade de '1984': reflexos distópicos na sociedade brasileira contemporânea" (2026), o autor realiza um exercício perspicaz ao transpor as categorias orwellianas para o contexto nacional, identificando na vigilância digital difusa, na proliferação de fake news e na deturpação deliberada de termos caros à democracia os sintomas de uma degradação do discurso público que aproxima a realidade brasileira dos pesadelos do romance. Simultaneamente, sua investigação acadêmica em "A construção social da leitura: um de seus perigos" (2025) oferece uma chave teórica complementar, ao problematizar o declínio da leitura como prática reflexiva e introspectiva. Soares (2025) levanta a hipótese de que a hipervalorização da interconectividade e da validação externa fragiliza a experiência subjetiva e autônoma da leitura, esvaziando seu potencial como espaço de elaboração crítica e de formação de um pensamento individual capaz de resistir às narrativas prontas e à manipulação semântica.

Ao articular as duas frentes da obra de Soares – a análise dos fenômenos sociopolíticos contemporâneos à luz de Orwell (2009) e a reflexão sobre os processos sociais que comprometem a cognição e a linguagem –, este artigo propõe investigar a fundo a relação entre a novílingua orwelliana e a construção social da verdade em nossos dias. Busca-se compreender como os mecanismos de desinformação sistêmica e a corrosão do significado das palavras, observados na esfera pública, não operam no vácuo, mas encontram terreno fértil em uma sociedade onde a prática da leitura profunda e da reflexão solitária se encontra em franco declínio. A hipótese central é que a degradação da linguagem e a fragilização da experiência individual de construção de sentido atuam sinergicamente, consolidando uma estrutura de compreensão do mundo onde a verdade, desprovida de um lastro compartilhado e de sujeitos críticos para interpretá-la, torna-se refém do poder, realizando, sob novas roupagens, o projeto totalitário de controle do pensamento tão temivelmente imaginado por Orwell.

2 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como um ensaio teórico de abordagem qualitativa e caráter interpretativo-analítico, fundamentado em pesquisa bibliográfica. Conforme aponta Severino (2007), o ensaio teórico distingue-se por sua natureza argumentativa e reflexiva, articulando conceitos e teorias para construir uma interpretação original sobre determinado fenômeno, sem a pretensão de esgotar o objeto investigado, mas de oferecer uma contribuição analítica ao debate acadêmico.

A escolha metodológica pelo ensaio teórico justifica-se pela natureza do objeto de investigação, que envolve a articulação entre conceitos oriundos da literatura distópica (especificamente a novilíngua orwelliana), da sociologia do conhecimento (com ênfase na construção social da realidade), da filosofia da linguagem e dos estudos contemporâneos sobre desinformação e pós-verdade. Trata-se, portanto, de uma investigação que demanda um esforço de síntese teórica e de interpretação crítica, mais do que a aplicação de procedimentos empíricos de coleta e análise de dados.

O percurso metodológico desenvolveu-se em três etapas inter-relacionadas.

Primeira etapa: revisão bibliográfica e construção do arcabouço teórico. Realizou-se um levantamento sistemático da literatura pertinente aos eixos temáticos que fundamentam a investigação: (a) a teoria da construção social da realidade, a partir da obra seminal de Berger e Luckmann (2004); (b) a análise da novilíngua e dos mecanismos de controle linguístico em **1984**, de George Orwell (2009), incluindo estudos acadêmicos que abordam a relação entre linguagem, poder e totalitarismo na obra orwelliana; (c) os fenômenos contemporâneos da pós-verdade e da desinformação, com base em produções acadêmicas e institucionais que examinam seus impactos na esfera pública; e (d) as reflexões de Soares (2025; 2026) sobre o declínio da leitura reflexiva e seus reflexos na sociedade brasileira, que funcionam como mediação analítica entre a ficção orwelliana e o contexto nacional.

Segunda etapa: análise interpretativa e articulação conceitual. Procedeu-se à análise hermenêutica dos conceitos-chave mobilizados, estabelecendo conexões teóricas entre os diferentes referenciais. O método interpretativo adotado baseou-se na hermenêutica crítica, que, conforme Ricœur (1990), busca compreender os significados subjacentes aos textos e fenômenos culturais, articulando explicação e compreensão em um movimento dialético. Nessa etapa, foram examinados os mecanismos de controle linguístico descritos por Orwell (2009), a novilíngua, o duplipensar e a reescrita do passado, relacionando-os às dinâmicas contemporâneas de desinformação e à fragilização do pensamento crítico identificada por Soares (2025), com vistas a verificar a pertinência da chave hermenêutica orwelliana para a compreensão do cenário brasileiro atual.

Terceira etapa: síntese argumentativa e elaboração das considerações finais. A partir das articulações estabelecidas, construiu-se uma síntese argumentativa que permitiu evidenciar as convergências entre a distopia orwelliana e os fenômenos sociocognitivos observados na contemporaneidade brasileira, culminando na formulação de considerações finais que apontam

para a necessidade de vigilância crítica e de fortalecimento das práticas de leitura reflexiva como antídotos à manipulação da verdade.

Cabe ressaltar que, por se tratar de um ensaio teórico, não foram utilizados procedimentos de coleta de dados empíricos, tais como entrevistas, questionários ou análise de conteúdo de materiais jornalísticos ou de redes sociais. A investigação baseou-se exclusivamente na análise crítica da literatura selecionada, na articulação conceitual entre os diferentes referenciais teóricos e na construção de uma interpretação fundamentada sobre o objeto investigado. Essa opção metodológica está alinhada com a natureza da pesquisa, que visa oferecer uma contribuição teórico-interpretativa para o debate sobre a relação entre linguagem, poder e construção da verdade na contemporaneidade, mais do que generalizações empíricas ou proposições de caráter causal.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Para compreender a profundidade do alerta orwelliano sobre a manipulação da verdade e sua ressonância na contemporaneidade, é necessário, primeiramente, recorrer a um arcabouço teórico que desnaturalize a própria ideia de realidade. A obra seminal de Peter L. Berger e Thomas Luckmann, "A Construção Social da Realidade" (2004), oferece exatamente esse instrumental ao propor uma sociologia do conhecimento que investiga os processos pelos quais qualquer corpo de "conhecimento" chega a ser socialmente estabelecido como realidade. Para Berger e Luckmann, a sociedade é simultaneamente uma realidade objetiva e subjetiva. Esse duplo caráter é produto de um processo dialético composto por três momentos fundamentais: a externalização, a objetivação e a internalização. A externalização é o contínuo derramamento do ser humano sobre o mundo, por meio de sua atividade física e mental. As produções humanas, da linguagem às instituições, uma vez criadas, ganham uma existência própria que se impõe ao indivíduo como uma realidade objetiva, é a objetivação. O mundo institucional, experimentado como uma realidade objetiva, é então reintrojetado na consciência por meio da socialização, a internalização.

O ser humano constrói o mundo social, este se lhe apresenta como um fato objetivo e, por fim, é por ele absorvido e interpretado. Um conceito-chave nesse processo é a institucionalização, que emerge da habitualização. Toda ação frequentemente repetida torna-se um padrão, que é então reproduzido com economia de esforço e, crucialmente, apreendido como tal pelos outros. Quando esses hábitos são partilhados e passados às novas gerações,

cristalizam-se em instituições, que passam a exercer um poder de controle sobre o comportamento humano, antecedendo-o e moldando-o. A linguagem, nesse contexto, é a instituição fundamental, o principal instrumento não apenas de comunicação, mas de construção e manutenção das realidades sociais. É por meio dela que o mundo objetivo é apreendido, classificado e legitimado, tornando-se o "depósito" de um vasto acervo de conhecimento coletivo.

É precisamente nessa confluência entre linguagem, conhecimento e poder que a teoria de Berger e Luckmann encontra as preocupações centrais de George Orwell (2009) e os diagnósticos contemporâneos de Soares (2026). Se a realidade é socialmente construída e mantida por meio da linguagem e da institucionalização do conhecimento, o que ocorre quando as instituições tradicionais de validação da verdade, como a imprensa profissional, a universidade e a ciência, são deliberadamente desacreditadas, e a esfera pública é inundada por narrativas concorrentes que não visam descrever o mundo, mas sim a conquista e a manutenção do poder? A resposta a essa questão emerge dos fenômenos contemporâneos da pós-verdade e da desinformação. O termo "pós-verdade", eleito a palavra do ano pelo Dicionário Oxford em 2016, refere-se a circunstâncias em que fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos a emoções e crenças pessoais. Como explica Marcelo Marques, da Universidade Federal de Uberlândia, "aquilo que é criado dentro da pós-verdade é, primeiramente, algo que atende ao interesse de alguém. 'Aquilo é verdade para você, é verdade dentro da sua perspectiva, dentro da perspectiva do seu partido político'" (Universidade Federal de Uberlândia, 2018). A pós-verdade, portanto, não é a mera mentira, mas a fragmentação da própria possibilidade de um fato objetivo compartilhado, criando realidades paralelas que coexistem de forma incomunicável, um fenômeno que ecoa, em novos termos, a fragmentação social promovida pela novilíngua orwelliana.

Nesse ecossistema, a desinformação atua como o mecanismo de propagação. O Tribunal Regional Eleitoral de Goiás, baseando-se em análises de especialistas como Eugênio Bucci (USP), distingue o termo de "fake news", definindo desinformação como um "ambiente comunicacional hostil à informação", um efeito geral da disseminação de conteúdos falsos ou enganosos que visa manipular pessoas com fins inescrupulosos (Tribunal Regional Eleitoral de Goiás, 2023). Diferentemente da mentira clássica, a desinformação contemporânea explora a arquitetura das redes sociais e seus algoritmos, que favorecem o compartilhamento de conteúdo apelativo e polarizador. Estudos indicam que conteúdos mentirosos têm 70% mais chance de serem compartilhados do que os verdadeiros (Internet Segura, s.d.), evidenciando a estrutura

perversa que potencializa a distorção da realidade. A desinformação, portanto, não se limita a notícias falsas pontuais. Ela configura uma desordem informacional que solapa a confiança nas mediações tradicionais e fragiliza o debate público democrático. Ao criar um estado de confusão onde é cada vez mais difícil distinguir fato de opinião, verdade de mentira, a desinformação ataca a própria base do conhecimento compartilhado que sustenta a coesão social. Em termos bergerianos e luckmannianos, ela promove uma ruptura no processo de internalização da realidade objetiva, substituindo-a por realidades subjetivas radicalizadas, construídas e validadas dentro de bolhas digitais que funcionam como câmeras de eco.

É precisamente aqui que a reflexão de Soares (2025) sobre o declínio da leitura como prática reflexiva adquire sua dimensão mais crítica. Se a desinformação corrói o edifício da realidade objetiva do exterior, a fragilização da leitura compromete a capacidade do indivíduo de resistir a essa corrosão a partir do seu interior. Soares alerta para o risco de a leitura, na contemporaneidade, estar sendo desapropriada enquanto valor em si mesma, transformando-se em um instrumento meramente utilitário ou em uma prática subordinada à lógica da interconectividade e da validação externa. A leitura que exige pausa, introspecção e elaboração crítica, a leitura reflexiva, cede espaço a um consumo rápido e superficial de informações fragmentadas, muitas vezes reduzidas a títulos ou manchetes. Essa transformação tem consequências profundas para a formação do pensamento crítico, definido como a capacidade de analisar e avaliar a consistência dos raciocínios, especialmente das afirmações que a sociedade aceita como verdadeiras.

A leitura reflexiva é a oficina onde essa capacidade é forjada. Por praticá-la, o leitor desenvolve habilidades fundamentais como questionar o texto e suas premissas, não o aceitando passivamente; contextualizar a informação, situando-a em um quadro mais amplo de referências; comparar diferentes fontes, identificando contradições e nuances; e articular o lido com seus próprios conhecimentos e experiências, construindo significados pessoais e autônomos. A ausência ou o enfraquecimento dessa prática tornam o indivíduo mais suscetível à desinformação. Sem as ferramentas mentais para analisar a veracidade, a precisão, a pertinência e a lógica de uma proposição, o leitor superficial fica à mercê do apelo emocional e da repetição incessante de slogans vazios, o próprio *modus operandi* da novilíngua orwelliana. A conexão, portanto, é direta: a degradação da leitura como prática reflexiva fragiliza o pensamento crítico, e um pensamento crítico frágil é o terreno ideal para a proliferação da desinformação e para a consequente manipulação da verdade que ela viabiliza, realizando, sob

novas roupagens, o projeto totalitário de controle do pensamento tão temivelmente imaginado por Orwell.

4 ANÁLISE E RESULTADOS

Para avançar na investigação sobre a relação entre a novilíngua e a construção social da verdade na contemporaneidade, é imperativo retornar à fonte literária que dá sustentação a esta reflexão: o romance 1984, de George Orwell (2009). Publicado em 1949, o livro não é meramente uma profecia sombria sobre o futuro, mas, sobretudo, uma aguda análise da psicologia da opressão e dos mecanismos simbólicos pelos quais regimes autoritários podem subjugar não apenas os corpos, mas também as mentes dos indivíduos. A obra se estrutura em torno de uma premissa aterradora: o controle total sobre a população não exige apenas vigilância e violência física, mas fundamentalmente a reconfiguração da própria realidade por meio da linguagem. Como observa Anderson Soares Gomes, as distopias, enquanto gênero, operam por meio do recurso da "desfamiliarização", fornecendo "perspectivas acuradas sobre problemáticas sociais que, de outra forma, poderiam ser vistas como naturais e inevitáveis". Orwell (2009) leva esse recurso ao extremo ao situar sua narrativa em uma Londres futurista e devastada, parte da superpotência totalitária chamada Oceânia, onde o Partido governa sob a ideologia do Socing (Socialismo Inglês) e a onipresente figura do Grande Irmão.

No universo orwelliano, a vigilância é exercida de forma capilar por meio das teletelas, dispositivos bidirecionais que funcionam tanto como telas de transmissão da propaganda do Partido quanto como câmeras que monitoram ininterruptamente os cidadãos. Os slogans do Partido sintetizam a lógica perversa que sustenta esse sistema: "Guerra é Paz. Liberdade é Escravidão. Ignorância é Força" (Orwell, 2009, p. 43). Tais lemas não são meros exercícios retóricos; eles anunciam a substituição da lógica aristotélica por uma nova forma de racionalidade na qual a contradição não apenas é tolerada, mas elevada à condição de princípio de funcionamento do poder. É nesse ambiente de controle absoluto que emerge o conceito central para esta análise: a novilíngua (ou "novafala"), o idioma oficial da Oceânia, cujo propósito declarado não era apenas fornecer um meio de expressão para a cosmovisão do Partido, mas "tornar todos os outros modos de pensamento impossíveis".

A novilíngua representa um empreendimento de engenharia linguística sem precedentes na ficção distópica. Diferentemente do que seria intuitivo supor, sua criação não se dá pela invenção de novas palavras para expressar novas ideias, mas sim por meio da eliminação

sistemática de vocábulos considerados "heréticos" ou indesejáveis . O raciocínio por trás dessa estratégia é explicitado no apêndice do romance, intitulado "Os Princípios da Novilíngua": se uma palavra deixa de existir, o conceito que ela designa torna-se impensável, pois não há mais como nomeá-lo. Orwell (2009) oferece um exemplo elucidativo: a palavra "livre" continuava a existir, mas apenas em contextos cotidianos como "O caminho está livre" ou "O toalete está livre". Seu sentido político ou intelectual, "politicamente livre" ou "intelectualmente livre", fora extirpado, uma vez que as liberdades correspondentes já não existiam nem como conceitos . A língua, que deveria ser instrumento de expansão dos horizontes do pensamento, transforma-se em seu cárcere.

Essa concepção orwelliana encontra respaldo teórico na hipótese Sapir-Whorf, formulada pelos linguistas americanos Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, segundo a qual a linguagem que utilizamos influencia fortemente a maneira como percebemos a realidade, não sendo exagero afirmar que o "mundo real" é, em grande medida, uma construção linguística . Ao reduzir drasticamente o vocabulário disponível, eliminar ambiguidades e suprimir matizes semânticos, a novilíngua opera exatamente no sentido de achatar a experiência humana e inviabilizar qualquer pensamento que se desvie da ortodoxia do Partido. Palavras que expressam sentimentos complexos, nuances ou contradições são substituídas por termos binários e funcionalistas – "ruim" torna-se "não-bom", "terrível" também é "não-bom" – num processo de empobrecimento expressivo que compromete a própria capacidade de discernimento crítico. Orwell transforma essa ideia num alerta político: se a linguagem for reduzida a um instrumento de dominação, a liberdade torna-se inconcebível .

A novilíngua, contudo, não opera isoladamente. Ela se articula com outro mecanismo fundamental de controle descrito por Orwell (2009): o duplipensar (doublethink). Trata-se da capacidade de aceitar simultaneamente duas ideias contraditórias como verdadeiras, mantendo ambas na mente sem perceber a contradição . O duplipensar é a engrenagem psicológica que permite ao cidadão da Oceânia acreditar genuinamente que 2+2 pode ser igual a 5, se assim for declarado pelo Partido, mesmo sabendo, em algum nível, que matematicamente isso é falso . O protagonista Winston Smith descreve essa experiência com precisão:

Saber e não saber, estar consciente da completa veracidade ao mesmo tempo em que se contam mentiras cuidadosamente elaboradas, manter simultaneamente duas opiniões que se cancelam, sabendo que são contraditórias e acreditando nas duas (Orwell, 2009, p. 50).

O duplipensar, portanto, não se confunde com a hipocrisia ou com a mera dissimulação;

é um estado no qual a própria noção de verdade objetiva é dissolvida, restando apenas aquilo que o poder determina como verdade a cada momento .

A consequência última desse processo é a aniquilação da realidade objetiva em favor de uma realidade totalmente subordinada à vontade do Partido. Como afirma Orwell (2009) na voz de seus personagens, "a realidade existe na mente humana e em nenhum outro lugar. Não na mente individual, que pode errar e, de qualquer modo, perece rapidamente: somente na mente do Partido, que é coletiva e imortal" (p. 49). Essa frase resume o ponto mais extremo da doutrina totalitária descrita no romance: quando a verdade depende exclusivamente da autoridade, ela se transforma em mero instrumento de opressão. A manipulação da informação, a reescrita constante dos registros históricos nos "buracos da memória", a criação de inimigos fictícios para justificar a guerra perpétua – tudo converge para manter o cidadão em estado de confusão e dependência . O passado, nesse sistema, é constantemente reescrito para servir às necessidades do presente, numa atualização prática do lema do Ministério da Verdade: "Quem controla o passado, controla o futuro: quem controla o presente, controla o passado".

A atualidade perturbadora de 1984 reside justamente na precisão com que Orwell (2009) descreveu mecanismos que hoje reconhecemos em operação no mundo contemporâneo, ainda que sob novas roupagens e sem a configuração explícita de um Estado totalitário único. A vigilância exercida pelo Grande Irmão encontra paralelo na coleta massiva de dados por corporações tecnológicas e governos . O "2+2=5" ressoa no fenômeno das fake news, onde a informação perde seu valor de verdade e passa a ser aceita ou rejeitada com base na fonte de onde provém ou na conveniência ideológica . O duplipensar manifesta-se na proliferação de "fatos alternativos" e na coexistência de narrativas radicalmente contraditórias sobre os mesmos eventos. E o "buraco da memória" ecoa nas tentativas de revisionismo histórico e na manipulação de registros públicos para servir a agendas políticas específicas .

O que a análise da obra orwelliana revela, em síntese, é que o controle da linguagem constitui a matriz a partir da qual todas as outras formas de dominação se tornam possíveis. Se, como demonstrado na seção anterior, a realidade é socialmente construída por meio da linguagem e das instituições que a legitimam (Berger; Luckmann, 2004), então aquele que controla a linguagem e os processos de validação do conhecimento detém o poder de definir os contornos do real. Soares (2025) aponta, nessa direção, que a fragilização da leitura como prática reflexiva compromete a capacidade dos indivíduos de resistir às narrativas impostas, tornando-os mais suscetíveis à manipulação semântica e à desinformação. O declínio da leitura aprofundada e da formação de um pensamento crítico autônomo cria as condições subjetivas

para que os mecanismos descritos por Orwell (2009), a novilíngua, o duplipensar, a reescrita do passado, possam operar com eficácia, ainda que em contextos formalmente democráticos. A distopia, nesse sentido, não precisa ser instaurada por um golpe de Estado; ela pode instalar-se silenciosamente na medida em que a linguagem se degrada, a verdade se fragmenta e os indivíduos perdem a capacidade de pensar por si mesmos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste percurso investigativo, buscou-se estabelecer uma articulação consistente entre a ficção distópica de George Orwell (2009), particularmente o conceito de novilíngua presente em 1984, e os processos contemporâneos de construção social da verdade, considerando os desafios impostos pela era da pós-verdade e pela fragilização da leitura como prática reflexiva. O fio condutor que uniu as diferentes seções foi a compreensão de que a linguagem não é um mero instrumento neutro de comunicação, mas sim a matriz simbólica a partir da qual a realidade é socialmente construída, legitimada e, em contextos de crise, também manipulada e distorcida.

A análise desenvolvida na primeira seção, ancorada na sociologia do conhecimento de Berger e Luckmann (2004), permitiu desnaturalizar a ideia de realidade, evidenciando seu caráter de construção social mediada pela linguagem e pelas instituições. Esse arcabouço teórico revelou-se fundamental para compreender a profundidade do fenômeno da desinformação contemporânea, que não se reduz à circulação de notícias falsas isoladas, mas configura uma verdadeira desordem informacional capaz de solapar a confiança nas mediações tradicionais e fragmentar a esfera pública em realidades paralelas incomunicáveis. A pós-verdade, nesse contexto, emerge não como mera mentira, mas como a própria dissolução da possibilidade de um fato objetivo compartilhado, criando um ecossistema comunicacional no qual o apelo emocional e a afirmação reiterada de crenças pessoais substituem a referência a qualquer lastro verificável de realidade. Paralelamente, a reflexão de Soares (2025) sobre o declínio da leitura reflexiva acrescentou uma camada essencial a esse diagnóstico: a fragilização da experiência individual de construção de sentido, por meio da leitura aprofundada e da introspecção, compromete a formação do pensamento crítico, tornando os sujeitos mais vulneráveis às narrativas prontas e à manipulação semântica operada pela desinformação.

Na seção seguinte, ao retornar à obra de Orwell (2009), foi possível demonstrar como o romance antecipou, com perturbadora precisão, os mecanismos simbólicos de controle que hoje

reconhecemos em operação no mundo contemporâneo. A novilíngua, com seu propósito declarado de tornar impossível o pensamento herético por meio da eliminação sistemática de vocábulos e do consequente estreitamento dos horizontes cognitivos, representa o paradigma máximo da instrumentalização política da linguagem. O duplipensar, por sua vez, revela a engrenagem psicológica que permite a aceitação simultânea de contradições, dissolvendo a própria noção de verdade objetiva em favor de uma realidade inteiramente subordinada à vontade do poder. A vigilância onipresente do Grande Irmão, a reescrita constante do passado nos "buracos da memória", a criação de inimigos fictícios para justificar a guerra perpétua – todos esses elementos, longe de se circunscreverem a uma fantasia literária sombria, encontram ressonância em dinâmicas observáveis na contemporaneidade, ainda que sob configurações institucionais distintas das descritas no romance.

A contribuição original deste artigo reside precisamente na articulação entre esses dois planos de análise, o sociológico e o literário, mediados pela reflexão de Soares (2025; 2026) sobre a realidade brasileira contemporânea. Se, como argumentou Soares (2026), a sociedade brasileira experimenta sintomas preocupantes de degradação do discurso público, com a deturpação deliberada de termos caros à democracia e a proliferação de bolhas digitais que fragmentam o tecido social, a hipótese aqui defendida é que tais fenômenos não operam no vácuo, mas encontram terreno fértil precisamente na fragilização da experiência reflexiva da leitura e na consequente atrofia do pensamento crítico. A novilíngua orwelliana, nessa perspectiva, não precisa ser implantada por decreto governamental; ela se instala silenciosamente na medida em que a capacidade de ler com profundidade, de questionar premissas, de comparar fontes e de construir significados autônomos é progressivamente substituída pelo consumo rápido e acrítico de informações fragmentadas, pela validação externa em câmeras de eco digitais e pela adesão emocional a narrativas simplificadoras.

A distopia, portanto, não se apresenta necessariamente sob a forma de um Estado totalitário explícito, com teletelas em cada parede e uma polícia do pensamento a perseguir hereges. Ela pode manifestar-se de modo mais sutil e, por isso mesmo, mais perigoso: na erosão gradual dos alicerces que sustentam a possibilidade de uma esfera pública democrática. Quando a linguagem se degrada a ponto de palavras como "liberdade" e "autoritarismo" terem seus significados invertidos para servir a agendas particulares; quando a verdade histórica é constantemente renegociada em função das conveniências do presente; quando a leitura deixa de ser um espaço de encontro consigo mesmo e com o pensamento alheio para se tornar mais

um item a ser consumido e descartado rapidamente, nesse cenário, as sementes da distopia encontram solo fértil para germinar.

O alerta de Orwell (2009), relido à luz das contribuições de Berger, Luckmann e Soares, não é um chamado ao desespero, todavia, à vigilância ativa. Se a realidade é socialmente construída, ela também pode ser socialmente reconstruída e defendida. Se a linguagem pode ser instrumento de dominação, ela pode igualmente ser ferramenta de resistência e emancipação. Se a leitura reflexiva encontra-se ameaçada, sua preservação e estímulo tornam-se atos políticos de primeira grandeza. Cabe à sociedade, em sua multiplicidade de vozes e instituições, reconhecer os sintomas da degradação e mobilizar os recursos necessários para reverter esse quadro. O pensamento crítico, a leitura aprofundada, o compromisso com a verdade factual e a defesa intransigente de uma linguagem que sirva à comunicação genuína e não à manipulação – eis os antídotos contra a perpetuação, sob novas roupagens, dos pesadelos tão lucidamente antevistos por George Orwell (2009). A distopia não é um destino inescapável, mas uma possibilidade contra a qual é preciso lutar cotidianamente, em cada ato de leitura, em cada palavra cuidadosamente escolhida, em cada recusa em aceitar que a verdade possa ser reduzida a mero instrumento de poder.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Tradução Floriano de Souza Fernandes. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

GOMES, Anderson Soares. Linguagem e História: a manipulação do passado através da palavra em 1984 de George Orwell. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 10, p. 101-112, 2006. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno10-10.html>. Acesso em: 13 mar. 2026.

INTERNET SEGURA. **Desinformação e Fake News**. Disponível em: <http://www.internetsegura.pt/FakeNews>. Acesso em: 13 mar. 2026.

MARASCIULO, Marília. 4 conceitos do livro "1984" que podem ser aplicados à realidade atual. **Revista Galileu**, Rio de Janeiro, 8 jun. 2020. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2020/06/4-conceitos-do-livro-1984-que-podem-ser-aplicados-realidade-atual.html>. Acesso em: 13 mar. 2026.

O CONTROLE DA LINGUAGEM – 1984 de George Orwell. **Ato e Potência**, 2023. Disponível em: <https://atoepotencia.com.br/o-controle-da-linguagem-1984-de-george-orwell/>. Acesso em: 13 mar. 2026.

ORWELL, George. **1984**. Tradução Alexandre Hubner. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Thiago Barbosa. A atualidade de “1984”: reflexos distópicos na sociedade brasileira contemporânea. **Conexão Tocantins**, 2 mar. 2026. Disponível em: <https://conexaoto.com.br/2026/03/02/a-atualidade-de-1984-reflexos-distopicos-na-sociedade-brasileira-contemporanea>. Acesso em: 13 mar. 2026.

SOARES, Thiago Barbosa. A construção social da leitura: um de seus perigos. **Revista Comunicação Universitária**, Belém, v. 5, p. 1-13, 2025. DOI: 10.69675/RCU.2763-7646.9993. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/comun/article/view/9993>. Acesso em: 13 mar. 2026.

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DE GOIÁS. **Fake news x desinformação: entenda qual é a diferença entre os termos**. 2023. Disponível em: <https://www.tre-go.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Agosto/fake-news-x-desinformacao-entenda-qual-e-a-diferenca-entre-os-termos>. Acesso em: 13 mar. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Fake News e Pós-Verdade**. Comunica UFU, 6 jul. 2018. Disponível em: <http://comunica.ufu.br/noticias/2018/07/fake-news-e-pos-verdade>. Acesso em: 13 mar. 2026.

APÊNDICE 1 – INFORMAÇÕES SOBRE O MANUSCRITO

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmica, política e financeira referente a este manuscrito.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Publicação e abertura dos dados da pesquisa.

DIREITOS AUTORAIS

Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista Comunicação Universitária - os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico. Os editores da Revista têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

OPEN ACCESS

Este manuscrito é de acesso aberto ([Open Access](#)) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (*Article Processing Charges – APCs*). O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como 'acesso aberto' quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la - ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.



LICENÇA DE USO

Licenciado sob a Licença Creative Commons [Attribution-NonCommercial 4.0 International \(CC BY-NC 4.0\)](#). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.



VERIFICAÇÃO DE SIMILARIDADE

Este manuscrito foi submetido a uma verificação de similaridade utilizando o *software* de detecção de texto [iThenticate](#) da Turnitin, através do serviço [Similarity Check](#) da [Crossref](#).



PUBLISHER

Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE). Publicação no Portal de Periódicos da Universidade do Estado do Pará. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da referida universidade.



HISTÓRICO

Submetido: 13 de março de 2026.

Aprovado: 11 de julho de 2026.

Publicado: 29 de setembro de 2026.